

Um ano de negociações ainda mais complexas com os EUA

por Paulo Sotero
de Washington
(Continuação da 1ª página)

Tudo indica, assim, que as relações entre os dois países, no futuro imediato, passarão por uma deterioração. Ocorrendo em meio a uma complexa e desarticulada transição política, a adoção de sanções por Washington provocará forte erupção de antiamericanismo no Brasil, com o incentivo de um governo débil e de um Congresso desconjuntado, alertou o presidente da Associação de Exportadores Brasileiros, Norberto Ingo Zadrozny, no depoimento que prestou em Washington em meados de dezembro, durante as audiências públicas promovidas pelo governo de Washington sobre a decisão de Reagan de punir o Brasil.

Tendo esse cenário em mente, Harry Kopp, um ex-diplomata norte-americano que serviu como número dois na embaixada dos Estados Unidos em Brasília, com Anthony Motley, no início da década de 80, prevê que "a crise nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos desta vez será mais grave do que a de abril de 1977", quando o então presidente Ernesto Geisel rompeu o acordo de cooperação militar que existia entre os dois países desde a década de 50.

Como Zadrozny, Kopp — hoje sócio de Motley numa empresa de lobby em Washington e que representa, entre outros, os interesses dos exportadores dos dois principais itens da pauta brasileira para os Estados Unidos (suco de laranja e sapatos femininos) — teme que a adoção das sanções não se limitará à sobretaxa de US\$ 105 milhões de exportações. Ela se desdobrará numa guerra comercial com a adoção de contra-sanções por parte do Brasil. "A diferença é que desta vez os interesses afetados não serão apenas políticos e estratégicos; serão interesses práticos, comerciais, que têm a ver com a vida, com o emprego de milhares de brasileiros e de norte-americanos", disse o ex-diplomata. Por tabela, a escalada de uma guerra comercial poderia vitimar o acordo de suspensão da moratória e os esforços de normalização das relações do País com a comunidade financeira internacional, que está sendo buscado neste momento (ver quadro).

Para tornar as coisas ainda mais turvas, o conserto do aparentemente inevitável desastre nas relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos será também mais complicado devido não apenas à complexa conjuntura político-econômica dos dois países, mas também ao desgaste e ao envenenamento nas relações entre as pessoas incumbidas de buscar um entendimento.

Em Brasília, segundo um

funcionário norte-americano, há no poder um governo frágil, impopular, inteiramente absorvido pela preocupação da duração do mandato presidencial e que, mesmo em circunstâncias mais favoráveis, teria dificuldades de operar grandes iniciativas. Na outra ponta da linha, em Washington, existe um governo em fim de mandato, debilitado pela eclosão de uma crise econômica que ele próprio alimentou e cuja capacidade de fazer concessões na área comercial é limitada por déficits crescentes nas suas relações de troca. Contra o entendimento pesa também, segundo a avaliação de empresários, de políticos e de diplomatas dos dois países

ouvidos por este jornal, o fato de não existir em nenhum dos dois lados o capital de boa vontade que nas atuais circunstâncias seria necessário para viabilizar uma acomodação e a volta das relações aos trilhos. "Nós temos dúvidas se o Brasil é de fato um país amigo", disse recentemente a este jornal um alto funcionário norte-americano em Brasília. A mesma dúvida existe também do lado brasileiro. "O fato é que o Brasil não tem mais amigos em Washington nem os Estados Unidos têm aliados em Brasília", constata um ex-diplomata norte-americano.

A expectativa dos executivos de empresas norte-americanas com interesses

no Brasil, bem como de funcionários do governo dos Estados Unidos, de que o empresariado brasileiro assumiria a iniciativa na defesa de flexibilização da política comercial brasileira na transição democrática, não se materializou. A esperança dos representantes do setor privado brasileiro, sobretudo dos exportadores, de que Washington exhibiria mais sensibilidade política e menos arrogância no encaminhamento das disputas com o Brasil, também foi frustrada. Nesse clima, os dois lados já parecem resignados diante das perspectivas de um infeliz ano novo nas relações dos dois países e, ao menos espiritualmente, preparam-se para o pior.